

WASHINGTON NOVAES

Adeus ao grande chefe Paru

No mesmo dia em que começava o julgamento dos quatro jovens que mataram o índio Galdino, noticiaram os jornais que morreu no Xingu o chefe Paru, dos yawalapitis.

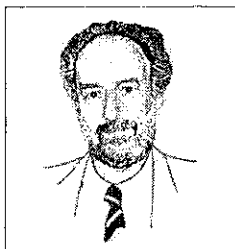
Dá uma tristeza enorme, a compulsão de repetir, mais uma vez, a imagem usada por um diplomata

da Unesco – referindo-se à morte dos velhos líderes africanos, mas válida para os líderes indígenas brasileiros: cada vez que desaparece um deles, é como se se houvesse incendiado uma biblioteca, se perdesse todo o conhecimento não escrito sobre a história de um povo, sua mitologia, suas relações com a vida e a morte, o conhecimento da natureza, seus hábitos, suas formas de ser, seus costumes, tudo.

Paru era um dos mais antigos chefes e líderes do Alto Xingu, ao lado de Malakuyawá, Narro, Takumã, Sapaim. Falava todas as línguas da área, era respeitado em todas as aldeias. Assistiu à chegada dos brancos, ajudou os irmãos Villas Boas a implantar os postos e pistas de pouso abertos na reserva. Criou cinco filhos, entre eles Aritana, seu sucessor, Piracumã e três filhas.

Chamou-se primeiro Tapiapuã Kanato. Quando nasceu o primogênito de Aritana, deu-lhe um dos nomes. Ao nascer o filho de Piracumã, deu o outro, ficou sem nenhum (no Alto Xingu não se repetem nomes). Gostava do nome Paru, que pertencia a um índio de outra aldeia. Negociou com ele, deu-lhe algumas coisas em troca do nome Paru, até arranjar outro para o doador – Iaí.

No primeiro dia do autor destas linhas no Alto Xingu em 1984, para gravar uma série para a televisão, Paru aproximou-se, perguntou o que fazia ali e logo estava



“Homem é forte; mulher, mole. Homem não pode bater no mais fraco”

contando um sonho que o impressionara: um homem muito velho descia do céu num carro coberto de estrelas e lhe contava que não morria – “Eu não sou filho de gente, sou filho de árvore”, dizia. E perguntava o que eu achava do sonho.

Mal feito da emoção de ouvir um sonho desses, de supe-

tão, ouvi Paru comunicar que nos acompanharia, nos ajudaria, simpatizava conosco, gostava da idéia que nos movia, de mostrar a cultura do índio, do nascimento à morte. Pura gentileza.

E assim fez, durante semanas. Enquanto tudo explicava da cultura e dos costumes daquela gente, contava também que se casara três vezes. A primeira, com uma kamaiurá que o perseguiu no mato – ele fugira, apavorado – até que concordasse; a segunda, com uma irmã dela; a terceira, com uma prima. E sempre vivera bem com as três na mesma casa.

Paru narrava tudo com extrema simplicidade. Como a história do índio que entrou no mato e voltou doente, seco, definhando, pele e

osso. Deitou-se na rede e avisou que não ia morrer, era só o tempo de “tirar as doencas”. Passados poucos dias, “deu um vento forte, um redemunho no meio da aldeia (redemunho é vento de espírito), rodou, rodou, entrou na casa do homem doente – e ele virou pajé” (um pajé é escolhido, recebe sinais, não escolhe).

Contava a história do índio que inventara a flauta longa, de taquara, e dizia que “ele voava”. Ensinava o que fazer se aparecesse uma onça: “Ocê não corre. Faz bastante barulho, pisa nas folhas, ela espanta, vai embora. Se ocê correr, ela corre atrás.”

Paru dizia que índio não bate em filho, só se preciso para obrigá-lo caso ele, já adolescente, se recusar a seguir a tradição, não aceitar cumprir o período de reclusão para fortalecer o corpo, aprender a fazer rede, esteira, arco, flecha, conhecer a história e a tradição de seu povo. Muito menos bate em mulher: “Homem é forte; mulher, mole. Homem não pode bater no mais fraco.”

Era um prova viva desse sistema político que o antropólogo Pierre Clastres tanto admirava – uma sociedade em que os indivíduos não delegam poder a ninguém, o chefe é o grande mediador de conflitos, o que melhor fa-

la, mais sofre e mais sabe (a história do seu povo, suas tradições, por que cada costume social é o que é, as razões daquela divisão do trabalho), mas não dá ordens a ninguém; uma sociedade em que a informação é aberta, ninguém se apropria para transformá-la em poder político ou econômico, o que um sabe todos podem saber; uma sociedade em que todos são auto-suficientes, não dependem de ninguém para nada. Ele era um chefe assim, respeitado por seu povo.

Dizia que índio tem medo de morrer, mas ele não tinha. E explicava que a pessoa deveria ser enterrada com a face voltada para o Sol nascente, “para ser a primeira coisa que ela vê quando acorda”. Mas “bicho, não; bicho deve ser enterrado virado para o outro lado, do Sol que acaba”.

Não tinha medo porque “existe um céu, para onde nós todos vamos, índios e caraiabas (brancos), encontrar o pai, a mãe, o avô, a avó, o amigo”.

Quando morreu Malakuyawá, o grande chefe waurá, um de seus netos contou, em Brasília, que ao chegar à aldeia, duas semanas depois, “ainda tinha um silêncio ali como se tivessem morrido umas 20 pessoas”.

A aldeia dos yawalapitis deve estar assim, agora. E assim provavelmente ficará até o ano que vem, quando certamente fará uma grande festa do kuarup. Na madrugada, depois de os yawalapitis haverem lamentado o morto ilustre durante toda a noite, diante dos troncos enfeitados com suas braçadeiras de penas e seu cocar, quando os pajés recolherem e enterrarem a cinza da fogueira que terá ardido em frente ao tronco, nesse momento o espírito de Paru – cujo nome ninguém mais pronunciará – se desprenderá e fará sua última viagem em direção à aldeia dos ancestrais.

Onde um dia – espero – nos reencontraremos.

